



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Mídia: a produção do indivíduo na sociedade

Rauster Ribas da Silva¹
Vagner Vainer Teixeira Braz²
Vladimir Gomes Silva³

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa em *Psicologia da Educação*, realizada sobre o valor que a mídia tem em relação ao indivíduo na sociedade. Baseado no referencial teórico sobre *Mídia e Sociedade*, de diversos autores. Procuramos, então, analisar de que forma se estabelece a subjetividade e a influencia da mídia no sujeito social, verificando a presença dos vários fatores de produção estabelecida pela mídia e quais os seus efeitos na coletividade.

Palavras-chave: Sujeito, Coletividade, Subjetividade, produção.

Abstract: This article presents the results of a study in Psychology of Education, held on the value that the media has over the individual in society. Based on the theoretical background on Media and Society, by different authors. We try then to examine how subjectivity is established and the influence of media on social subjects, verifying the presence of the various factors of production established by the media and what are its effects on the collectivity.

Key words: subject, Collectivity, Subjectivity, production.

Introdução

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras da UNEMAT – Pontes e Lacerda-MT, e-mail: letras10224@gmail.com.

² Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras da UNEMAT – Pontes e Lacerda-MT, e-mail: vagnert11@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras da UNEMAT – Pontes e Lacerda-MT, e-mail: vlady_119@hotmail.com.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Este artigo é resultado de uma pesquisa na disciplina de *Psicologia da Educação*, a partir dos temas discutidos e estudados em sala de aula sobre influencia da mídia na produção do indivíduo na sociedade⁴. Este estudo também se inscreve no campo da Psicologia e tem por objetivo detectar alguns dos fatores que concorrem na construção da vida do sujeito na sociedade. Mostrando como a mídia se interage com a sociedade em relação à subjetividade do indivíduo.

Comentaremos nesse artigo resultados que encontremos em todo decorrer da pesquisa, a respeito das estratégias de interpelações dos sujeitos de distintas camadas sociais, evidenciadas em diferentes objetos da mídia.

Tais resultados apontam para o fato de que estão em grande disputa o processo de comunicação através da mídia, múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais se produzem sentidos e sujeitos na cultura. Assim sendo, os rumos da análise aqui anunciada teve sua origem em nossos interesses pela mídia e estão pautados nas teorias de MacLuhan (1964), Kehl (1995), Leite (1995), Sant'Anna (2001) e Fischer (2000).

Bem começemos, a história da humanidade é marcada por acontecimentos que, diferenciam gerações. Fatos como o Renascimento, o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, as duas guerras mundiais (...), certamente sacudiram o espaço e tempo alcançados por eles, corroendo culturas e dando vida a outras. Em todos estes momentos o indivíduo reaprendeu a enxergar o mundo. Novos parâmetros de comportamentos foram estabelecidos para o social e a constituição do sujeito não fugiu a regra silenciosa da ideologia vigente no momento. A revolução tecnológica, especificamente a digital não fugiu a essa regra, ela também alterou o comportamento humano e passou a ser um canal usado para a constituição do sujeito.

Com todo o progresso tecnológico alcançado pelo homem (especificamente o da mídia nessa discussão), o mundo de fato se tornou uma “Aldeia Global” como previa o filósofo

⁴ Este trabalho foi proposto na disciplina de Psicologia da Educação, sob orientação da Prof^a. Especialista Selma.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

canadense Marshall MacLuhan, e nessa aldeia o social começa a ter a sua subjetividade uniformizada, de maneira que: o corpo, o comportamento, a sexualidade, a ideologia passa a ser apenas um para todos. O que se percebe é a escravização da consciência coletiva, ditando regras, padrões, tendências, comportamentos, terapias, relativizando credos e valores. Isso é feito como lei para um todo sem levar em conta a subjetividade de cada indivíduo, desconsiderando as limitações psíquicas de cada um. A liberdade de existir e pensar como um sujeito, independente se torna cada vez mais pálida na sociedade hodierna.

A maneira que o sujeito reage a essa força esmagadora vinda de fora influenciará a saúde interior e o posicionamento deste indivíduo em relação ao meio em que está inserido. O Papa Pio XII, já se preocupava com o futuro da humanidade pensando em como ela reagiria a esse contingente de informações. Dizia ele, em 17 de fevereiro de 1950 (apud Marshall MacLuhan (1964)), que “não é um exagero dizer-se que o futuro da sociedade moderna, bem como da estabilidade de sua vida interior, dependem em grande parte da manutenção de um equilíbrio entre a força das técnicas de comunicação e a capacidade de reação do indivíduo”⁵.

Basicamente o motivo das preocupações de Fisher e do Papa Pio XII, seria a capacidade de pensar, refletir, questionar e se posicionar diante dessa força das técnicas de comunicação, que consequentemente corrobora para a constituição do sujeito. Interditando o pensamento do homem tira dele a percepção de si mesmo e do outro, de tal modo que ele não consegue refletir sobre a formação social a qual vem sendo submetido, pois isso seria experimentar o pensamento diferente deixando-o com a irritante sensação de está descontextualizado de sua realidade, mal vestido psicologicamente. Todavia essa submissão da consciência não tira do sujeito à necessidade de existir fora do coletivo, dono de suas próprias emoções, impulsos, percepções, gerando um vazio existencial e ao mesmo tempo doenças psicológicas (patologias típicas do homem contemporâneo), que irá se projetar em inúmeras maneiras de emancipar a sua subjetividade. Esse sujeito que só pensa a partir do coletivo passa a buscar uma alma fora de si

⁵ MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Com Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1964, p. 36.



EDIÇÃO Nº 13 — 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

para si. Segundo Fischer (2000), seria “uma prótese de alma para uma subjetividade amputada.”

6

Conforme MacLuhan (1964), a TV é definida da seguinte forma:

O efeito da TV, a mais recente e espetacular extensão elétrica de nosso sistema nervoso central, ainda não se deixa apreender em toda a sua profundidade por razões variadas. Como ela afeta a totalidade de nossas vidas — pessoal, social e política — seria utópico tentar uma apresentação “sistemática”, ou visual, de sua influência. É mais praticável “apresentar” a TV como uma gestalt complexa de dados colhidos quase que ao acaso.⁷

McLuhan (1964), não tem como objetivo tratar das questões ideológicas que giram ao redor da temática da mídia, seu propósito é mostrar a extensão do corpo nas várias invenções humanas e a nova maneira de se perceber e sentir o mundo por meio destas extensões que pode ser tanto a TV quanto uma peça de roupa. Todavia podemos extrair de seu discurso às implicações dessa extensão elétrica, que como ele mesmo diz “afeta a totalidade de nossas vidas – pessoal social e política”⁸. Inerente ao recorte feito pelo Filósofo está à maneira em como se dá à constituição do sujeito através da mídia.

Novos valores passam a sobrescrever os antigos, paradigmas são quebrados. Porém até onde isso é possível sem o caos social? Bom, se valores antigos são substituídos por outros, certamente não teremos este problema! Todavia ai está à falha do processo, pois acontece uma

⁶ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção do Sujeito: O Privado em Praça Pública*. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Francisco, Deise Juliana. *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 110.

⁷ MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Com Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1964, p. 356.

⁸ MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Com Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1964, p. 356.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

desconstrução de alicerces milenares, no entanto não há novos para substituí-los, e quando há, são frágeis e instantâneos como quase tudo nos dias de hoje. Segundo Fischer (2000), é:

(...) valores sólidos e estáveis (dados antes pela religião, pelas tradições culturais) são hoje substituídos por ideais de liberdade e igualdade sem referências estáveis, o que provocaria um estado de insegurança. Deixam de existir os limites, as impossibilidades, aquilo que orienta o desejo. (...) a regra é a alteração diária da regra; a regra é a ausência de história; a regra é o presente em estado permanente (...).⁹

Segundo, MacLuhan (1964):

Durante séculos, o fracasso da Humanidade a esse respeito tem sido característico e total. A aceitação dócil e subliminar do impacto causado pelos meios transformou-os em prisões sem muros para seus usuários. Como observou A. J. Liebling em seu livro *The Press* (“A Imprensa”), um homem não consegue ser livre se não consegue enxergar para onde vai, ainda que tenha um revólver para ajudá-lo. Todo meio ou veículo de comunicação também é uma arma poderosa para abater outros meios e veículos e outros grupos. Resulta daí que os tempos que correm se têm caracterizado por numerosas guerras civis, que não se limitam ao mundo da arte e do entretenimento. Em *War and Human Progress* (“A Guerra e o Progresso Humano”), o Prof. J. U. Nef declara: “As guerras totais de nosso tempo têm resultado de uma série de erros intelectuais...”¹⁰

⁹ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção do Sujeito: O Privado em Praça Pública*. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Francisco, Deise Juliana. *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 112 a 113.

¹⁰ MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Com Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1964, p. 36.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Esse condicionamento subliminar nos remete ao que Freud chamou de “Inconsciente”, pois é nele que estão os muros que parecem não existir para o consciente. Como o próprio McLuhan diz: “a aceitação dócil e subliminar do impacto causado pelos meios transformou-os em prisões sem muros para seus usuários”¹¹, o sujeito se torna passivo, e mesmo que pareça tão simples romper com essa passividade na prática não é tão simples, pois no inconsciente desse sujeito a inúmeras correntes que o prende.

A pergunta que fica é onde este homem carente de subjetividade está curando as suas doenças psicológicas. Pois uma das marcas do homem contemporâneo é a solidão em meio a tantas pessoas. A vida urbana aglomera pessoas, mas ao mesmo tempo as separa, um sistema fordista se instala nas relações tirando do eu o contato com o outro, deixando a eles apenas a sensação de corpo presente. O que se nota é uma cura coletiva das patologias sociais, pois a mesma mídia que produz um sujeito uniforme, dá a ele uma cura uniforme.

Em rede publica um só viciado em drogas se torna o protótipo dos milhares que existem no País. O trauma de um garoto vítima de abuso sexual é tratado diante das várias vítimas que lêem um jornal, ou assistem a um programa de televisão, ou lêem um site na internet. A sexualidade do adolescente é decidida nas novelas diante dos milhões de adolescentes que assistem. E nesse processo cada um se encontra na pluralidade dos eus presentes nessa rede formadora de opinião, segundo Fischer (2000), como:

(...) a solidão e a privacidade de cada um, em sua casa, tornada pública nas imagens de tantos eus que se multiplicam nas telas da TV, nas páginas dos jornais, nas fotos de revistas. Cuidar de si é um tema que ultrapassa o espaço restrito das salas de aconselhamento psicopedagógico, por exemplo, ou o

¹¹ MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Com Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari, São Paulo: Cultrix, 1964, p. 36.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

recolhimento à média luz do consultório do psicólogo ou do psicanalista, ou mesmo a rotina do cotidiano familiar.¹²

O problema desse divã público é que nele não são consideradas as particularidades de cada um. As confissões íntimas do eu que está sozinho em casa não são confessadas a ninguém, e ele vai reprimindo e somando traumas de tal modo que em algum momento ele passa a ter sintomas no próprio corpo. Um só psicólogo para milhares de pessoas uniformes no social, mas únicas enquanto pessoas. Os resultados são comportamentos estranhos e uma sociedade que cada vez mais não sabe discernir a si mesma.

Os meios de comunicação que nos envolvem são simplesmente modos de atrair as pessoas para interesses comerciais, ou muitas vezes para ensinar o público como agir em determinadas situações, por exemplo, como os pais devem educar seus filhos, como se por diante de uma situação perigosa; em outras palavras podemos dizer que o público é guiado pela mídia, principalmente a televisão.

A televisão, principalmente, na medida em que produz imagens e essas imagens tem suas significações, que gera tal sentido na consciência das pessoas, enfim saberes de que alguma forma se dirige a educação das pessoas; isto é ensinar as pessoas de como ser e estar dentro da cultura em que vivem. Tentaremos mostrar como estão em jogo no processo de comunicação por meio da TV, questões relacionadas às formas de como produz o sujeito na cultura.

Entendemos que ao mesmo tempo em que o sujeito está sempre de alguma forma, submetido às relações de controles e dependência, está também imerso as inúmeras práticas nos diferentes espaços institucionais, que chamaremos que o sujeito também tem um olhar para si mesmo, ou seja, de como conhecer se, ao modo que se constrói verdades a partir de suas

¹² FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção do Sujeito: O Privado em Praça Pública*. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Francisco, Deise Juliana. *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 111.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

próprias experiências de vida, mas devemos levar em conta qual é a cultura que o indivíduo está inserido, pois é a cultura que forma os cidadãos.

Tal possibilidade nos permite dizer que os processos de subjetivação são sempre históricos, e que, portanto deve ser visto em sua ampla diversidade, nos modos de existências que produzem conforme a época e o tipo de formação social que estejam sendo considerados.

Retomando novamente o conceito da mídia a partir desta explicação especificada sobre sujeito e subjetivação, podemos dizer que o trabalho educativo, e a própria análise da mídia em relação à educação e aos processos de subjetivação que são implicados; em tal percepção podemos afirmar que sempre o sujeito está por se fazer. Tentaremos destacar que a mídia é um veículo de informações que está sempre em movimentos e que para uma ampla continuidade existem resultados que o público oferece de maneira ingênua.

Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl (Apud Fischer 2000):

O que está interdito é o pensamento, já que nossa cultura estaria privilegiando, através da vivência cotidiana com as pessoas os meios de comunicação- basicamente com a TV, mas que se estende também a outros setores da vida – um modo de ser e estar no mundo que nega a contradição, em que quase sempre não nos permitimos experimentar o pensamento diferente daquele que é hegemônico, em que não se identifica ou valoriza a temporalidade, em que praticamente “tudo é possível” ou “tudo vale”, em que impera a lei do gozo, sem que se vivencie a falta.¹³

Consideremos aqui todos os modos de se fazer sentido a TV para si mesmo, na TV intermitentemente confessam se erros, confessam-se intimidades, desejos, mínimos detalhes de

¹³ FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção do Sujeito: O Privado em Praça Pública*. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Francisco, Deise Juliana. *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. P. 110.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

nossa sexualidade. Da mesma forma é nesse lugar midiático que somos convidados a expor nossas culpas, e receber lições de morais, exemplo de vida sobre o vivido, onde muitas vezes aprendemos a refletir sobre um determinado fato ou a avaliar, auto decifrar, interpretar e transformar a si mesmo.

Desse modo, a mídia por muito e muito tempo vem demonstrando que é preciso ter corpo belo e viver no mundo do sexo. Segundo Fischer (2000), o objetivo ou caracterização da mídia nos contextos contemporâneos é: “o paraíso dos corpos e do sexo”.

O paraíso dos corpos e do sexo é demonstrado pela mídia como o amplo alvo, pois eles se tornaram o lugar por excelência de nossa identidade pessoal. Com isso a mídia fala permanentemente do corpo bonito, ou seja, a mídia tem um grande elemento de responsabilidade nessa deformidade dos conceitos de corpo belo e corpo não belo, como, nos programas de televisão ou mídia em geral, que mostram (divulgam), homens e mulheres com seus corpos “perfeitos” em exibição.

Esses meios de comunicações só ajudam a reforçar o narcisismo contemporâneo e a sociedade capitalista, onde tudo está à venda, basta apetecer e poder. Com isso Leite (In: Veja 1995), descreve em seu texto o efeito do narcisismo, como:

O único valor coerente que essa cultura apresenta é o narcisismo. Vivemos voltados para dentro, à procura de mundos interiores (ou mesmo vidas interiores). O esoterismo não acaba nunca – só muda de papa a cada Bienal do livro -, assim como os cursos de autoconhecimento, auto-realização e, espacialização, autopromoção. O narcisismo explica nossa ânsia pela fama e pela posição social.¹⁴

¹⁴ LEITE, Paulo Moreira. *O Império da Vaidade*. In: *Veja*, agosto 1995, p. 79.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

O resultado desse sistema de ideias narcisistas é a banalização do corpo na contemporaneidade. Isso requer de nós uma grande responsabilidade, pois somos facilmente assediados por essa pluralidade de convites, com meios para se chegar ao corpo “perfeito”. As altas modas chegam e vão, e acabamos nos tornando fantoches nas mãos das grandes empresas divulgadas pela mídia nesse mundo capitalista. Essas empresas de corte e costura que usam a mídia para fazerem suas propagandas, disseminando estilos de vestes de vários modos, no entanto com um único estereotipo de corpo para uso.

Os chamados ‘corpos belos’ ficam nos mostruário dos meios de comunicação social, e acabam por interferir no modo dos indivíduos perceberem seu próprio corpo, assim distorcendo as ideias de amor por si próprio, e acabam se tornando narcisistas exagerados. Assim sendo o corpo é descrito por Sant’ Anna (2001), da seguinte forma: “Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar (...)”¹⁵.

A mídia é sensacionalista, bem como se pode perceber que a ampla valorização da aparência atlética no que algumas revistas constituem ao seu público (eu e você), todavia na maior parte das vezes voltadas para as mulheres. Por exemplo, a revista Capricho, por princípio perpetra comparações entre pessoas com relação à aparência física, na diferença dos cuidados que cada pessoa tem com seu corpo. Consequentemente, perpetrando com que os indivíduos acreditam que uma pessoa é mais perfeita do que as demais.

Podemos perceber ainda que nas edições da revista Capricho, as imagens/figuras são sempre de jovens, magras e belas”, e não de imagem de jovens e gordas “feias”.

Interessante é pensarmos que no passado, a beleza era vista por outro prisma. A mulher um pouco mais “gorda” era considerada bela. Isso pode ser visto na maneira em que os mais famosos pintores retratavam as mulheres mais “gordas”. Magreza era sinônimo de uma mulher não muito saudável. Todavia nos dias hodiernos ser bela é ser magra e sexy.

¹⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001, p. 108.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Por tudo o que foi exposto neste estudo, fica claro que a mídia é constituída de relações de sentido entre um sujeito ou vários sujeitos, da sociedade. Mídia é o ato que deve estar associado para que tenhamos uma vida social comunicativa.

Notamos que o ser humano de um modo ou de outro está interagindo se com a mídia, ou as pessoas usa a mídia para atrair as pessoas afins de alguns interesses comerciais, e tem aquelas pessoas que são enganadas pela mídia, em outras palavras dizemos que as pessoas são atraídas pela a mídia num modo geral. Conclui então que a mídia altera a quantidade e a qualidade de um determinado produto, somente para enganar o sujeito. Entretanto o pior não é a mídia enganar o público, mas sim o público ser enganado o tempo todo e nunca acordar para ter outra visão crítica para protestar contra essa violência, que por sua vez podemos chamar de “violência simbólica”.

Talvez o homem nunca tenha tido uma formação social da mente que neutralizasse tanto a sua subjetividade. A mídia se tornou o canal por onde toda a aldeia da raça humana pode ser submetida a novas ideologias sem sair de casa. Conforme Gutierrez (1978):

O homem do século XX é diferente dos homens de outras épocas mesmo quando, essencialmente, continua sendo o mesmo. Este novo 'habitat' proporciona ao homem uma rede extraordinariamente densa de estímulos, condicionamentos e provocações sensoriais. O homem muda porque tudo muda ao seu redor. Criou-se e continuamos criando um meio (habitat) muito distinto. A civilização moderna, com seus meios técnicos de transporte (trens, automóveis, aviões), seus meios de comunicação (imprensa, rádio, cinema, TV), enfim, com seus meios mecânicos e até eletrônicos de interrelação, está oferecendo ao homem novas formas de perceber, de intuir, sentir e pensar.¹⁶

Todos os problemas do indivíduo são tratados de maneira coletiva, impondo a esse

¹⁶ GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978, p. 24.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

indivíduo a sensação de estar entre milhares, mas ao mesmo tempo sozinho consigo mesmo. Questões complexas como sexo, beleza foram submetidas a uma tirania que não respeita a individualidade e os limites psicológicos e orgânicos do sujeito. O que precisamos pensar é se essa uniformização da raça não acarretará problemas psicológicos dos mais plurais possíveis, já que uma cultura em alguns casos milenares precede essa nova imposição que chega pela mídia. Talvez hoje seja inseparável mídia e sujeito, mas certamente poderemos pensar em meios para que esse sujeito saiba os limites que há entre sua subjetividade e a subjetividade da massa pregada pela mídia.

Referências:

- BARBEIRO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações, comunicação e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- FIGUEIRA, Márcia Luíza e GOELLNER, Silvana Vilodre. *A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, p. 87-99, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Mídia e Produção do Sujeito: O Privado em Praça Pública*. In: Fonseca, Tania Mara Galli e Francisco, Deise Juliana. *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GUZZO, Marina. *Riscos e desejos de um corpo arquitetado*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2005.
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

KEHL, Maria Rita. *O Imaginário e o Pensamento*. In: _____. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEITE, Paulo Moreira. *O Império da Vaidade*. In: *Veja*, agosto. 1995.

MACLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, Janete Gonçalves da Silva. *Culto do Corpo & Cultura da Televisão*. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 18 de maio de 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira, e IRACI, Maria. *O jovem e a comunicação*. São Paulo: Loyola, 1992.